

O País é maior que seu anedotário político

Werner Egon
Schrappe*

As primeiras evoluções da nova equipe econômica do governo federal dão a dimensão do inusitado das políticas de orientação dos meios da economia do governo do presidente Fernando Collor. Ainda em fase de prevalência do voto de confiança que a sociedade brasileira deve ao chefe da nova equipe, ministro Márcilio Marques Moreira, lamentam-se as normas legais que providenciam a saída do famigerado congelamento que fere frontalmente a lei primária da comercialização de produtos: da oferta e da procura.

As Portarias 463 e 466, de 6 de junho, estabelecem uma gradualidade neste processo numa demonstração do interesse do governo no "faz-de-conta" de liberar a economia como manda a regra básica do moderno capitalismo. Estabelecem-se categorias de preços de bens e serviços com a imperial advertência de revisão a qualquer momento. Afora o aspecto anedótico das políticas econômicas dos últimos governos, o atual repete o anseio incontido mas não expresso literalmente de tutelar a sociedade brasileira. Neste país onde a ótica política significa meio para conquistar o poder, o governo está muito longe de significar coordenação, organização, planejamento e visão de modernidade.

A cada ciclo de alguns meses, assiste-se à comici-

dade que demanda artimanhas para envolver a opinião pública. E quando isso acontece, a sociedade consciente e responsável tem arrepios porque tais expedientes expressam um personalismo intranquilo de um poder que já não emana do povo.

O Brasil deve ser muito maior do que seu anedotário político e econômico. Deve fazer prevalecer no seio do poder constituído, democraticamente instalado, o estilo da dignidade cuja imagem não tem cor nem expressão facial alegre ou triste, tímida ou patética. Deve, se quiser estar no futuro, fazer valer sua condição de potência emergencial do terceiro milênio pela realidade de uma grata posição estratégica.

As portarias 463 e 466 são mais um episódio lamentável neste árduo esforço da sociedade organizada, que luta pela adequação dos meios para garantir um futuro de evolução. A livre iniciativa, a economia de mercado, em suma o moderno capitalismo não podem ficar à mercê de instrumentos controladores, tabeladores, monitoradores e outros mecanismos esdrúxulos. A sociedade deve reagir. Mas deve fazê-lo pelo estilo da dignidade, que corresponda ao sentimento de grandeza inerente a um povo otimista e responsável, sem mergulhar nos estereótipos da comici-

* Presidente da Associação Comercial do Paraná (ACP).